

O PEQUENO ROSENDO

TEXTO
PEDRO SEROMENHO

ILUSTRAÇÕES
PEDRO HAMDAN DAS PEDRAS





TEXTO
PEDRO SEROMENHO

ILUSTRAÇÕES
PEDRO HAMDAN DAS PEDRAS

©2022, EDITORA PALETA DE LETRAS

TÍTULO
O pequeno Rosendo

TEXTO
Pedro Seromenho

ILUSTRAÇÃO
Pedro Hamdan das Pedras

DESIGN, EDIÇÃO E REVISÃO
Paleta de Letras

ISBN
978-989-53793-1-6

DEPÓSITO LEGAL
0000000000000

IMPRESSÃO
Empresa do Diário do Minho, Lda.

©Reservados todos os direitos
Editora Paleta de Letras
www.paletadeletras.pt
editora@paletadeletras.pt



O PEQUENO ROSENDO



Paleta
de letras



No tempo em que o tempo parecia recuar, com as pessoas a acreditar em que a terra era plana e o Sol girava em seu redor, nasceu uma criança!
Foi há muito tempo, mas poderia ter sido hoje.

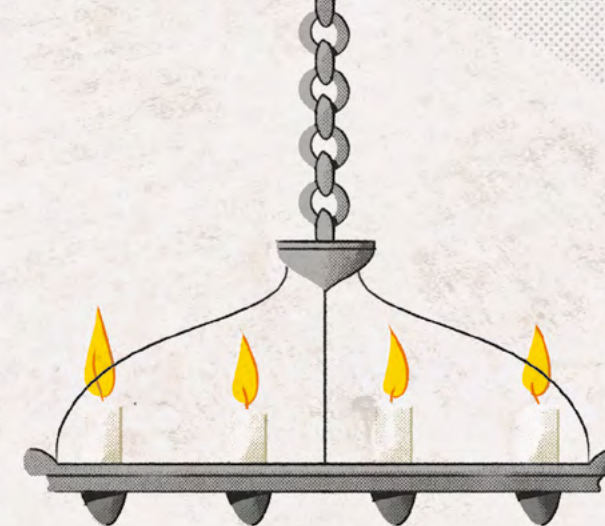
No tempo em que o céu se cobria de fumo negro, anunciando a fome e a miséria de um continente com uma guerra entre povos irmãos, um raio de luz espreitou.
Foi há muito tempo, mas poderia ter sido hoje.



Havia fome, guerra e morte, mas a norte algo de bom acontecia. Em Monte Córdova, no atual concelho de Santo Tirso, não se falava de outra coisa. A condessa Ilduara estava grávida e vagueava pelo bosque com um sorriso a ornamentar-lhe o rosto. Todas as madrugadas, ela cumpria o mesmo ritual: caminhava entre os pensamentos, deitava-se num penedo do Monte Padrão e recebia os primeiros raios do nascer do sol no seu ventre. Depois de tantas rezas, pedidos e ansiedades, o arcanjo S. Miguel concedera-lhe a dádiva de ser mãe.

- Dona Ilduara, que fazeis aqui? Está demasiado calor! — interrompeu-a a aia.
- Dizem que faz bem à criança. — afagou a barriga, sorrindo.
- Quem vos disse tal?! — discordou a aia. — Devíeis estar no vosso leito, a repousar!
- Vai nascer como o Sol, repleto de luz! Foi S. Miguel que mo confidenciou!
- Estais a ver o que vos digo!? Vossa senhoria já apanhou demasiado sol na cabeça!





A jovem condessa Ilduara casara com o Conde Guterre Mendes, filho primogênito do primeiro conde de Coimbra, Hermenegildo Guterres. Descendiam de famílias galegas, num tempo em que a Hispânia engrandecia a sul. Os mouros eram devolvidos ao local de onde provinham e as novas famílias construía feudos de nomes, proezas e títulos!

No meio do turbilhão de invasões dos normandos a norte e dos mouros a sul, a condessa insistia nas suas preces, pedindo paz e silêncio. Não desistia. Em vez das más notícias que chegavam diariamente, com os nomes de cavaleiros mártires sucumbidos e de aldeias devastadas e queimadas, acompanhadas pelos lamentos das trombetas, a condessa pedia apenas paz e silêncio. Refugiava-se na sua solidão, rezava e trabalhava.

Finalmente, no dia 26 de novembro de 907, o silêncio reinou. Os pintassilgos deixaram de chilrear, o vento de assobiar e mesmo o mar distante no horizonte recuou as vagas e amainou as ondas para não perturbar. A criança nasceu com o nome de Rosendo.



Durante anos, o pequeno Rosendo foi a maior alegria da povoação! Uma criança é sempre uma bênção, diziam os mais velhos. Uma criança é sempre um anjo, acrescentavam os mais céticos. E o menino divertia-se, inventando histórias de guerra e de amor, onde se imaginava cavaleiro e guerreiro como o seu pai. Talvez o fizesse para atenuar as saudades que guardava do progenitor, já que o Conde Gutierre passava a maior parte do tempo em Coimbra, a defender a linha do Mondego. Poucas eram as vezes em que se encontravam.

A condessa, essa, era venerada por todos. Entre outros feitos, mandara erigir uma igreja, onde o povo se podia reunir e refugiar. Foi nesse local que o seu filho foi batizado, no meio de confusões e atropelos, com o carro de bois que trazia a pia batismal a partir-se ao meio. Depois do acidente, a pia perdeu-se algures e só veio a ser reencontrada numa espécie de milagre ou história mal contada.

O pequeno Rosendo olhava para as nuvens e imaginava personagens e criaturas. Fitava as sombras das árvores e inventava máquinas e fortalezas. Tudo o que o rodeava inspirava-o e alimentava-lhe a imaginação. Ficava a ver os homens do campo com as sementeiras e o arado, para entender como este funcionava. E depois, sonhava-o a voar entre vales e montes, a cruzar o mar a sul e a sobrevoar o Coliseu em Roma. Facilmente despegava do chão e ganhava asas como se fosse um querubim. Claro que, por vezes, deixava-se levar pela criatividade desmesurada e o resultado era imprevisível.

— Menino Rosendo, desça já desse ramo! — gritava a sua aia. — Olhe que vai cair!





E o menino, depois de muitos gritos e suplícios, lá descia e corria, sem parar, até casa. Fugia como podia e escondia-se da aia num baú que tinha um tampo falso e dava para a cozinha. Era onde ele ficava a ver, a cheirar e a provar as iguarias que a cozinheira da vila ia preparando. Rapava a massa do alguidar com a ponta dos dedos e lambuzava-se com o creme de gemas. Enquanto isso, a aia continuava à sua procura, ofegante e preocupada, até finalmente o encontrar!

— Rosendo, não exagereis! — suplicava ela. — Ides ficar com dores de barriga!

Quando chegava a noite, já ela estava exausta e o petiz continuava aos saltos no leito! Ele nunca adormecia sem que lhe contassem ou inventassem uma história.

O pequeno Rosendo podia ser algo irrequieto, mas ansiava aprender e conhecer tudo o que o rodeava. Detestava viver na dúvida. Sempre que tinha perguntas, procurava as suas respostas. Ele acreditava que havia sempre uma solução para tudo e tentava descobri-la a todo o custo. Aliás, tentava tanto que, muitas das vezes, acabava por causar alguns problemas! Talvez por isso tenha tido tantas aias ao longo da sua infância! Os outros trabalhadores da casa senhorial franziam as sobrancelhas e sussurravam entre si:

— Ui! O menino é giro, mas de santo não tem nada!

Com um apetite voraz de conhecimento e a infindável criatividade que o movia, Rosendo não tardou a aprender a ler e a escrever. Começou com uma dúzia de poemas sobre as pessoas que conhecia e um conto sobre a humildade. O jovem possuía uma visão muito madura para a idade que tinha, fruto de uma convivência com todos os habitantes daquela zona. Se, por um lado, o seu pai continuava ausente, por outro, a sua mãe fazia com que nada lhe faltasse. Tratara de lhe providenciar uma boa educação com os melhores eclesiásticos da região, entre os quais o tio abade Sabarico.



O pequeno Rosendo adorava observar os teseiros, os peleiros e os outros trabalhadores da época nos seus ofícios. Queria perceber como se costuravam os saíotes e os pelotes, e era capaz de ficar horas a fio a ver como os cavaleiros treinavam com as suas espadas, escudos e azagaias, depois de colocarem os elmos, vestirem as cotas de malhas e subirem aos corcéis que os elevavam a galope como deuses gregos ao monte Olimpo!

Nunca se cansava de perscrutar e de aprender. Era, por natureza, um curioso insaciável!





Todavia, o Rosendo não gostava de cavalgar. Preferia assentar os pés no chão e correr na sua imaginação. O seu tio Sabarico era muito exigente e obrigava-o a uma disciplina à qual o pequeno Rosendo não tinha como escapar. Aos poucos, ele foi-se esquecendo de ser criança e a única forma que encontrou para sorrir e sonhar foi através dos livros e da leitura. Uma das maiores convicções de Rosendo era a de que podia ajudar os mais débeis, ensinando-lhes o que ia aprendendo nas suas leituras.

— É nos livros que está a solução! Nas palavras que nos deixam e que nem todos sabem ler. — compreendeu o jovem — Serei um mensageiro junto dos mais frágeis!

Os escritos do jovem Rosendo eram tão belos, poéticos e profundos, que depressa se espalharam pelas dioceses mais próximas e atravessaram o rio Minho. Eram palavras repletas de ideais e convicções, onde exprimia o seu paternalismo e a preocupação pelos mais fracos e desvalidos. As suas reflexões eram tão verdadeiras quanto tocantes! Não foi, portanto, de estranhar que o rei de Leão o tenha convocado para o nomear bispo de Dume. O jovem Rosendo tinha dezoito anos de idade!



O novo bispo de Dume e de Mondonhede fez-se acompanhar dos cinco irmãos e, durante um ano, viveu nos arrabaldes da grandiosa Bracara Augusta, onde ganhou um conhecimento empírico que se viria a tornar muito importante na sua caminhada. Todavia, não demorou a que o rei D. Sancho I de Leão o tivesse de chamar para o ordenar administrador da diocese de Iria Flávia – Santiago de Compostela. Rosendo mostrara-se um excelente mediador na disputa ao trono entre D. Ordonho IV e D. Sancho I e, agora, era recompensado por isso. Além de erudito, o bispo era um estratega político e um mecenas da cultura com mestria na espada.

D. Rosendo gostava de criar e de construir. Fazia questão em deixar a sua marca de forma tangível por onde passava. Por isso, mandou construir o Mosteiro de Monte Córdova, naquele lugar tão especial para si e para a sua mãe. Foi um gesto de gratidão.

Depois de deixar as suas irmãs Adosinda e Hermesinda no mosteiro em Vilar, o bispo seguiu para Compostela até todos o venerarem como um santo homem. Entre várias façanhas e alguns milagres, Rosendo mandou construir o Mosteiro de Celanova com as preces que só os anjos ouviram:

— Esta será a minha casa e túmulo! Daqui partirei quando Ele quiser.





Já no final da sua vida, depois de D. Sancho I de Leão ter sido envenenado e ele se ter refugiado em Celanova, o bispo foi surpreendido pelos viquingues que atracaram na Corunha e se aproximaram de Compostela num ribombar de armas e destruição. Rosendo recebeu então a triste nova de que o seu sucessor da Catedral de Iria, D. Sisnando II, acabara de morrer atravessado por uma flecha inimiga na batalha de Fornelos. Não teve outra opção senão rumar a Ourense e tomar a frente de defesa galega. O líder dos viquingues, Gunderego, tinha de ser travado a todo o custo e, para isso, o astuto bispo reuniu com o experiente Gonzalo Sánchez e colocou-lhe ao dispor todos os homens e armas que este precisasse para derrotar o inimigo. Assim, enquanto o Gunderego avançava no terreno, Rosendo engendrou uma emboscada de retaguarda, para que a frota viquingue atracada no porto de Ferrol ardesse com as munições e os mantimentos.

Assim, Gunderego ficou sem apoio e acabou derrotado por Gonzalo Sánchez.



Vitorioso, D. Rosendo regressou a Celanova e dedicou o resto da sua vida a ler e a escrever os textos de que tanto gostava e que o levaram tão longe. Queria a sua paz.

— Está tudo escrito na magia e no poder dos livros. — murmurou o bispo, rodeado de obras e manuscritos – Mesmo as ideias de um menino, sonhadas em sombras de árvores e em contornos de nuvens. Está tudo guardado nas palavras.

A 1 de março de 977, D. Rosendo olhou para as nuvens e viu os rostos dos seus pais.



Era uma vez um menino chamado Rosendo, que adorava trepar as árvores e imaginar criaturas nas nuvens.

Um dia, ele descobriu a magia e o poder que habitava nos livros e nunca mais parou de ler e de escrever o que pensava.

Com apenas dezoito ano foi nomeado Bispo e, a partir daí, dedicou-se a construir uma casa onde coubessem todos.

ISBN 978-989-53793-1-6



9 789895 379316 >



COFINANCIADO POR:

